RELÍQUIA EM RUÍNAS

PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

Situado próximo à Estação do Trem do Corcovado, no Cosme Velho, o Largo do Boticário reúne sete residências em estilo neocolonial. O conjunto arquitetônico é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) desde 1990. As casas foram construídas em fins do século XVIII, sendo reformadas na primeira metade do século passado, quando ganharam o aspecto que permanece até hoje

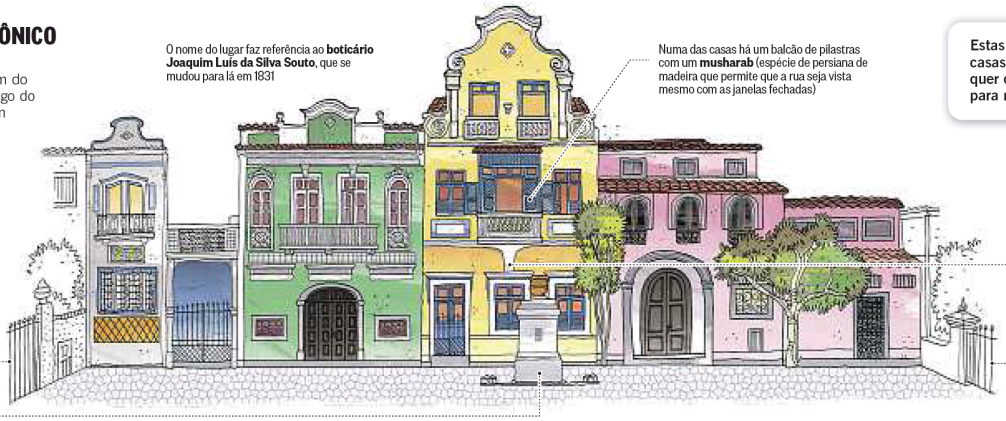

Ilustração: André Mello

Olhai pelo Boticário

Largo histórico aos pés do Cristo sofre com abandono. Projeto de desapropriação não foi adiante

LAÍS CARPENTER
granderio@oglobo.com.br

Poderia ser um museu, uma pousada ou ainda a memória bem conservada da arquitetura neocolonial em tempos de prédios modernos e espelhados. Mas, entre tudo o que o Largo do Boticário, no Cosme Velho, poderia ser, figura a pior opção: o abandono. Em 2006, um decreto da prefeitura declarava como sendo de utilidade pública, para fins de desapropriação, quatro casas (20, 26, 28 e 30), dentre as sete que compõem o conjunto. Como nada foi resolvido, em março de 2013 a ideia foi reeditada através de um novo decreto. Passado um ano e sete meses, porém, o casario localizado próximo à estação do Trem do Corcovado, aos pés do Cristo Redentor, continua pedindo socorro.

Segundo a prefeitura e o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), até o momento a desapropriação não se efetivou. Apesar do interesse público demonstrado, a negociação com a proprietária dos imóveis, Sybil Bittencourt, ainda está em curso. O plano inicial seria, em seguida, abrir uma licitação para escolher uma empresa hoteleira que criaria no espaço hotéis e bistrôs de pequeno porte.

Tombado pelo Inepac e pertencente à Zona Residencial 1 do Rio de Janeiro, o Largo do Boticário está sujeito a uma legislação que restringe a utilização do local para fins comerciais. Ao longo dos anos, medidas foram pensadas para flexibilizar o uso desses imóveis tombados. Em 2006, o decreto municipal 26.748 passou a incentivar o aproveitamento de edificações tombadas ou preservadas, permitindo a investidores comprar os imóveis para uso residencial ou comercial, de acordo com a legislação da área em que estão instalados. Já em 2012, o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade elaborou um projeto de lei complementar (número 85/2012) que flexibiliza ainda mais a utilização desses imóveis. O projeto está em andamento na Câmara dos Vereadores.

E é em meio a toda essa burocracia que o tempo passa e leva aspectos preciosos do casario. Com o abandono, a natureza age destruindo fachadas, que ameaçam despencar a qualquer momento, e "entortando" as edificações. Na residência central, o topo parece empenado.

— Manter casas antigas como estas em que moramos custa caro. Elas acabam desvalorizadas por causa do estado de degradação do lugar. Na época em que as casas foram invadidas, motoristas de táxi não queriam entrar aqui — contou Lúcio Beleza, cuja casa dá fundos para o Largo.

FERNANDO QUEVEDO

Malconservada. Fachada de uma das sete casas do Largo do Boticário: reboco e pintura em péssimo estado

Como mencionado por Lúcio, em 2006, dezenove famílias ocuparam, por cerca de um ano, o casarão rosa número 20, de 15 suítes, um dos imóveis que a prefeitura pretende desapropriar. Organizada pelo Movimento Terra, Trabalho e Liberdade, a invasão foi feita sob alegação de que o imóvel não tinha função social.

A despeito do abandono, o Largo do Boticário tem um potencial turístico enorme. Localizado próximo ao acesso para o Túnel Rebouças, recebe visitantes de todas as partes do Brasil e do mundo.

— Aqui sempre vem turista. E o mais triste é ver que eles escutam falar desse lugar e, quando chegam para visitar, é visível o choque no rosto deles por causa do abandono — relata Eduardo Alvares, no Largo há mais de 20 anos.

Moradora desde 1960, a crítica de teatro Bárbara Heliodora guarda memórias da casa, que antes pertencia ao seu bisavô. Apesar do estado do local, não pretende sair de lá.

— Seria ótimo se a região fosse renovada. Eu gosto de morar aqui. Já tenho 91 anos, para onde eu iria me mudar se vivi aqui boa parte da minha vida? — comentou.

IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

O lugar ganhou esse nome por causa do boticário Joaquim Luís da Silva Souto, que foi o primeiro a perceber o potencial imobiliário do local. Dono de uma botica na Rua Direita, hoje Primeiro de Março, vendia a água ferruginosa de uma fonte abastecida pelo Rio Carioca. Por ficar próximo ao rio, que possuía as melhores águas da cidade na época, o boticário comprou um pedaço de uma chácara da região e construiu sete casas onde hoje é o Largo e o beco de entrada.

No século XX, passou a morar no local a família Bittencourt, dona do jornal "Correio da Manhã". As casas passaram então por reforma arquitetada por Lúcio Costa, expoente do modernismo, na qual foram usados materiais retirados de demolições do Centro do Rio.

Hoje, as quatro casas principais do Largo pertencem à herdeira dos ex-donos do extinto jornal, Sybil Bittencourt. A região é, ainda, parte da área de proteção do Ambiente Cultural do Cosme Velho. Para Sydnei Menezes, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), o conjunto é emblemático na região e precisa ser restaurado.

— Nós lutamos e defendemos a intervenção do local, pois seja ele patrimônio público ou privado, é um bem coletivo da sociedade. Com toda essa briga judicial para desapropriação, com esse deixa que eu deixo, quem perde é a cidade. ●

O NATAL
Sofá Santino
Sala de Jantar Verona